

Kant e a primeira recensão a Herder: comentário, tradução e notas

[Kant and the first critique of Herder: commentary, translation and notes]

Joel Thiago Klein *

Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis, SC, Brasil)

A disputa entre Kant e Herder não se resume apenas a aspectos pontuais, mas se desdobra em significativas diferenças sobre a própria concepção de filosofia, de razão e de mundo. Ela também traz consigo uma marca da filosofia: o embate entre professor e antigo aluno.

Herder é um autor pouco estudado no Brasil e quase não há traduções de suas obras para a língua portuguesa. Ele foi o líder da revolta romântica contra o racionalismo e a crença cega no método científico. Foi ardente crítico dos filósofos franceses do iluminismo assim como dos seus seguidores alemães. Segundo Forster (2002, pp. vi-vii), a filosofia de Hegel foi um desenvolvimento sistemático das ideias de Herder (especialmente no que se refere às ideias de Deus, mente e história), as quais também influenciaram Schleiermacher (nas questões de Deus, mente, interpretação, tradução e arte), Nietzsche (nas ideias de história, mente e moral), Dilthey (na teoria das ciências humanas), Mill (na filosofia política) e Goethe (na formação filosófica), além de muitas outras grandes contribuições nas áreas de antropologia, filosofia da linguagem e estudos bíblicos. Além disso, como aponta Berlin (1982, pp. 133-142), Herder também teria sido o criador dos conceitos de populismo, expressionismo e pluralismo e influenciado o vitalismo, o existencialismo e principalmente a psicologia social.

Este trabalho está dividido em duas partes. Num primeiro momento, faz-se uma reconstrução histórico-biográfica que envolveu a publicação das recensões de Kant a Herder e do debate que se seguiu. Na segunda parte se encontra traduzida a primeira recensão de Kant ao livro de Herder *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*, a qual

* Emails: jthklein@yahoo.com.br; jthklein@daad-alumni.de

foi realizada a partir da *Akademie Ausgabe*, cuja paginação original se encontra indicada entre colchetes.

1. Reconstrução histórico-biográfica da relação pessoal e intelectual de Kant e Herder

Johann Gottfried Herder nasceu em 1744 em Mohrungen e faleceu em Weimar em 1803. Foi poeta, folclorista, tradutor, filólogo amador, filósofo e líder teórico dos ataques do movimento *Sturm und Drang* (*Tempestade e Ímpeto*) ao *Esclarecimento racionalista*. Ele teve aulas numa escola de Latim e, em seguida, estudou medicina, teologia e filosofia em Königsberg, onde foi aluno de Kant de 1762-1764. Sobre a relação que se estabeleceu entre Kant e Herder nesse período têm-se como uma das referências o livro biográfico de Herder escrito por sua esposa, Maria Carolina Flachsland von Herder. Segundo ela,

Kant permitiu que ele ouvisse gratuitamente a todas as suas preleções. Com ávida atenção ele compreendia cada ideia, cada palavra do grande filósofo e, em casa, ordenava pensamentos e expressões. Frequentemente ele compartilhava comigo suas anotações e nós conversávamos sobre elas em um afastado coreto [*Sommerlaube*] de um jardim público pouco visitado da antiga igreja de *Rossgarten*. Outrora, nas aulas matinais, o espirituoso Kant, com uma excelente elevação de espírito e se a matéria lhe oferecesse ensejo de falar com entusiasmo poético, tratava de acrescentar as suas poesias preferidas de Pope e Haller e se deixava levar com suas ousadas hipóteses sobre o tempo e a eternidade. Herder ficou tão forte e visivelmente afetado com isso, que, ao chegar em casa, colocou as ideias de seu professor em verso, as quais teriam honrado Haller. Kant, a quem entregou a poesia na manhã seguinte antes do início da aula, também ficou impressionado com a apresentação poeticamente magistral de seu pensamento e a leu com enaltecido fervor para o auditório... (Maria von Herder, 1820, pp. 60-63 – tradução própria)

A respeito do reconhecimento de Kant dos versos escritos por Herder, isso é confirmado por uma carta que Kant envia a Herder. Neste fragmento duas outras informações são dignas de nota. Uma delas é que Kant permitiu que Herder tomasse parte de suas aulas sem custo algum, o que mostra um gesto amigável de Kant, o qual será considerado posteriormente, quando Herder diz sentir-se em certo sentido como estando em dívida com seu antigo mestre.¹ Além disso, fica já evidente a

¹ Segundo Hayn (1954, p. 44), a apresentação de Herder a Kant foi feita por Kanter, dono da livraria-café mais famosa de Königsberg, na qual circulava a intelectualidade da cidade.

forte tendência de Herder em misturar filosofia e poesia, reflexão e sentido estético.

Nesse período Kant se tornou famoso por alguns escritos. Em 1762 ele escreve *A falsa sutileza das quatro figuras silogísticas*, em 1763 o ensaio *O único argumento possível para demonstrar a existência de Deus* e em 1764 o texto *Observações a respeito do sentimento do belo e sublime*.

Em 1764, após terminar seus estudos em Königsberg, Herder assume uma posição de professor e pastor numa escola em Riga. Ali ele desenvolveu interesse em poesia folclórica, especialmente sobre os povos bálticos.

No dia 9 de maio de 1768, Kant escreve sua primeira e única carta ao seu antigo aluno. Nessa carta lê-se em particular a seguinte passagem:

Se a crítica não trouxesse consigo a desventura de tornar o gênio temeroso e se a sutileza de julgamento não dificultasse em muito a auto-valoração, então, tendo em vista sua pequena tentativa que ainda guardo, eu esperaria vivenciar que, com o tempo, o senhor se tornasse um mestre no mesmo tipo de arte literária na qual Pope ainda brilha solitariamente, a qual é a eloquência da sabedoria. Com o cedo desenvolvimento de seus talentos, antevejo com muita satisfação o momento em que seu fecundo espírito alcance aquela tranquilidade que não é mais impulsionada através do agir impetuoso do sentimento juvenil, mas que é suave e sensível e adequado a vida contemplativa de filósofo, que é exatamente o contrário daquilo que os místicos sonham. Tendo em vista aquilo que conheço do senhor, eu espero com otimismo essa época do seu gênio, a qual é uma constituição de ânimo proveitosa para quem a possui e especialmente para o mundo... (Kant, *Br AA 10:73* – tradução própria)

Percebe-se que Kant já estava preocupado com o ímpeto criativo, mas pouco cauteloso de Herder. Kant via em Herder uma mente muito sagaz e de grande futuro e não queria que, segundo a sua visão, ele se perdesse em devaneios místicos e desperdiçasse sua capacidade. Mas, talvez, Kant gostaria que ele seguisse seus passos e fosse ao mesmo tempo interlocutor, divulgador e defensor de uma filosofia que ainda estava por vir. Por isso, têm-se a impressão de que Kant sugere que Herder canalize suas habilidades impetuosas para a arte poética, mas que, ao fazer filosofia, antes alcance a “tranquilidade (...) que é adequada a vida de filósofo”. É provável que Kant não tivesse apenas em vista aquela antiga poesia com a qual Herder o havia presenteado, mas também o texto *Sobre a diligência em várias línguas eruditas (Über den Fleiss in mehreren gelehrten Sprachen)* publicado em 1764, Fragmentos

sobre a nova literatura alemã (*Fragmente über die neuere deutsche Literatur*) de 1766-1767 e, talvez, *Sobre os escritos de Thomas Abbt* (*Über Thomas Abbts Schriften*) de 1768. Esses três últimos textos foram editados por Hartknoch².

Herder responde a Kant com uma carta em novembro do mesmo ano. Particularmente interessante nessa carta é o seguinte excerto:

Meu firme propósito, digo isso tranquilamente, era escrever anonimamente até que eu pudesse surpreender o mundo com um livro que fosse digno de meu nome. Foi unicamente por esse motivo que eu me escondi detrás de um estilo florido que não é o meu [76] e enviei fragmentos para o mundo, os quais deveriam ser e são meros prelúdios. (Kant, *Br AA 10:75* – tradução própria)

Percebendo as críticas de seu antigo e estimado mestre, Herder justifica seu modo de escrita. Quanto à poesia que Kant havia mencionado, Herder responde o seguinte: “Deixe essa poesia rude e sem brilho na qual o Senhor pensa afundar em seu anoitecer” (Kant, *Br AA 10:77*). Também menciona que está trabalhando com o escrito de Hume *Sobre a história da Inglaterra* em sua aula. Além disso, comentando a informação que Kant lhe enviou a respeito do seu trabalho sobre um fundamento para a moralidade, Herder afirma que espera que esse trabalho contribua tanto para a cultura do século como o texto sobre o belo e o sublime. Esse último texto, *Observações a respeito do sentimento do belo e sublime* (1764), exerceu grande impacto sobre Herder, sendo o texto de Kant mais admirado por ele, o que é fácil de entender dado seu forte viés estético. Em suma, pode-se perceber a partir dessa troca de cartas que não havia nem sinais de ciúmes por parte de Kant, nem de temor por parte de Herder no que diz respeito a sua autonomia intelectual.

Em 1769, Herder deixa Riga, estuda francês e literatura francesa em Nantes e financiado por seu amigo Hartknoch visita Paris, Bruxelas, Holanda e Hamburgo. Em suas viagens encontrou Diderot, Klopstock, Lessing e, em Estrasburgo, Goethe. Em 1771 ele conseguiu uma posição eclesiástica em Bückenburg e se torna famoso após ganhar um prêmio pela Academia Prussiana de Berlin pelo seu ensaio *Sobre a origem da linguagem*.

² Johann Friedrich Hartknoch (1740-1789). Depois de trabalhar em uma livraria de Johann Jakob Kanter em Königsberg, ele se muda em 1765 para Riga (Provavelmente motivado por sua amizade com Herder), onde abre uma editora a qual se torna uma das maiores da Alemanha na época. Ele era um amigo muito próximo de Herder desde o tempo da faculdade e se tornou o editor de grandes personalidades como Johann Georg Hamann e Immanuel Kant. A partir de 1764 os escritos de Kant são quase sem exceção publicados por Hartknoch.

Em 1774, Herder publica seu texto *A origem mais antiga do gênero humano* (*Älteste Urkunde des Menschengeschlechts*), o qual desagradava profundamente Kant. Nesse ano Herder também publica a sua primeira grande obra *Também uma filosofia da história para a formação da humanidade* (*Auch eine Philosophie der Geschichte zur Bildung der Menschheit*). Nesse mesmo ano, em 6 de abril, Kant escreve uma carta a Hamann³ comentando sobre o livro *A origem mais antiga do gênero Humano*:

Caro amigo, se souberes como melhorar minha compreensão a respeito da intenção central do autor, por favor, compartilhe comigo em algumas linhas a sua opinião; mas, onde possível, na linguagem dos homens. Pois eu, pobre filho da terra sou, de forma alguma estou equipado para a linguagem divina da razão intuitiva. O que se soe para mim segundo meros conceitos de acordo com regras lógicas, isso eu posso alcançar. Não peço nada além do que compreender o tema do autor, pois eu não tenho a menor pretensão de conhecer todo o seu valor com clareza. (Kant, *Br AA 10:156* – tradução própria)

³ Johann Georg Hamann nasceu em 1730 em Königsberg, onde em 1746 ingressa na Königlich-Albertus-Universität Königsberg onde estudou Teologia. Mais tarde ele muda seus estudos para Direito, mas se dedicou sobretudo ao estudo de línguas, literatura e filosofia, além das ciências naturais, alcançando assim uma formação enciclopédica. Ele deixa a faculdade sem finalizar seus estudos, mas continua dedicando-se a filosofia. Em 1756 ele assume um posto num comércio em Riga junto à casa dos Berens, o qual lhe propicia de 1757 a 1758 realizar uma viagem de trabalho à Londres. Lá, após sofrer sérias dificuldades financeiras e, como alguns autores especulam, com o envolvimento com “más companhias”, ele entra em crise. No ápice de sua crise ele se dedica fortemente ao estudo da Bíblia de forma que passa por uma experiência existencial que “o desperta” para uma nova vida. Após isso, ele retorna em 1759 para Königsberg devido a uma séria doença com seu pai. Ele passa por dificuldades e não consegue assumir nem o posto de pastor, nem o posto de professor. Contudo, consegue sobreviver como tradutor. J.C. Berens, antigo empregador de Hamann e amigo de Kant, o qual não havia gostado nem um pouco da “conversão” de Hamann, pois a considerava uma superstição descabida, encarrega Kant de prestar auxílio a Hamann e trazê-lo de volta aos ideais do Esclarecimento. Essa tentativa de “resgate” fracassa, mas a partir de então começa uma relação bastante estreita com Kant. Trata-se de uma relação no mínimo intrigante, já que ambos possuíam ideais filosóficos muito diferentes. Ele também logo se torna amigo de Hartknock, o qual se torna seu editor, e de Herder, a quem em 1762 ensina a língua inglesa. Com o passar da publicação de seus textos, Hamann se tornou conhecido e, apesar da proximidade com Kant, sempre foi um forte crítico da filosofia kantiana e muito próximo da filosofia de Herder. Segundo Maria von Herder, diferentemente de Kant, “de uma forma totalmente diferente e muito mais profunda, Herder ligou-se a seu amigo Georg Hamann e este a ele. Herder encontrou nele aquilo que procurava e precisava: um coração incandescente, apaixonado e sensível com tudo aquilo que é grande e bom, uma religiosidade espiritual, os princípios morais mais fortes e um gênio extremamente consagrado ao ânimo e espírito. Assim ele levava o seu Hamann no coração; a simpatia mais profunda os uniu pelo tempo e para eternidade” (Maria von Herder, 1820, pp. 62s. – tradução própria). Com o crescimento da popularidade de seus escritos e pela amizade com personalidades literárias como Mendelssohn, Goethe e Lavater (defensor do movimento *Sturm und Drang*), ele passou a ser chamado de “o mago do norte” (*Magus im Norden*). Também foi ele quem pela primeira vez chamou a Kant, em uma carta de 10 de maio de 1781 a Herder, de “Hume em trajes prussianos”.

Apesar de ser amigo tanto de Kant quanto Herder, Hamann possuía um estilo filosófico muito próximo ao de Herder. Por isso Kant solicita ajuda para compreender Herder, mas, *na linguagem da razão discursiva e não da razão intuitiva ou mística, na linguagem dos homens e não na linguagem dos deuses*. Logo no dia seguinte, dia 07 de abril, Hamann responde a Kant enumerando os objetivos do livro de Herder. Kant, não satisfeito com a resposta, escreve outra carta logo no dia seguinte, o que mostra sua forte inquietação. Nessa carta lê-se o seguinte:

O tema do autor é: mostrar que o próprio Deus auxiliou aos primeiros homens na linguagem falada e escrita e, através dessa, no início de todo conhecimento ou ciências. Ele não quer fazer isso através de fundamentos racionais, pelo menos esse não seria o ganho característico do seu livro. Ele também não quer fazer isso com base no testemunho da Bíblia, pois sobre isso ele nada menciona, senão que quer provar através de um antigo memorial que se encontra em quase todos os povos civilizados, o qual se encontra certa e claramente no encerramento do primeiro capítulo de Gênesis e através disso o segredo de tantos séculos foi revelado. (Kant, *Br AA* 10:158 – tradução própria)

Enfim, Kant não gostou do método filosófico de Herder, pois percebeu claramente que seu antigo discípulo tomou um caminho completamente distinto daquele que ele lhe havia aconselhado.

No ano de 1776 com a ajuda de Goethe, Herder consegue um emprego em Weimar, onde se tornou mais tarde superintendente da Igreja Luterana. A partir de então, Herder ficou ainda mais próximo de Goethe e também de Schiller, os quais também moravam na mesma cidade. Ali trabalhou junto com Wieland na *Teutscher Merkur*, onde coletou poesias folclóricas e escreveu sobre literatura, história da arte e filosofia.

Depois da chamada “década do silêncio” nos anos de 70, Kant publica em 1781 a *Crítica da razão pura*. Contrariamente ao que Kant esperava, sua obra não foi tão bem recebida. E então começou um período em que além de se preocupar com questões teóricas, também precisava lidar com o fato prático da divulgação e defesa de sua obra. Para isso ele também contou com amigos e com seus antigos alunos.

Em 1784 Herder publica a primeira parte do seu livro *Ideias para uma filosofia da história do gênero humano*. No mesmo ano Kant publica seu ensaio *Ideia de uma história universal com um propósito cosmopolita*. A partir de então a tensão entre os dois filósofos irrompe.

Da perspectiva de Herder têm-se documentado o seguinte, segundo Maria von Herder:

No ano de 1783, Hartknoch nos visitou em Weimar. Como de costume, Herder perguntou sobre Kant. Hartknoch disse: ‘Quero lhe dizer algo em confidência: Kant acredita que o Sr. é a causa do fato de sua *Crítica da razão* não ter encontrado a aceitação que ele esperava na Alemanha’. Herder respondeu: ‘Jamais me passou pelos pensamentos fazer uma intriga contra alguém, muito menos contra Kant. Na verdade, sua *Crítica* não me agrada e vai de encontro ao meu modo de pensar, mas eu nem escrevi contra ela, nem fiz algo nesse sentido: isso o Sr. pode assegurar a Kant’. Nesse momento foi combinada com Hartknoch a impressão de *Ideias para a filosofia da história*, a qual saiu em 1784. Os volumes impressos individualmente da mesma chegaram sucessivamente a Hartknoch e a Hamann e, através de um deles, às mãos de Kant: antes mesmo que a primeira parte aparecesse em Königsberg, ou que pelo menos lá fosse vendida. Agora Kant publica na *Berliner Monatsschrift* (Nov. 1784) um ensaio: *Ideia para uma história universal com uma intenção cosmopolita*: onde ele assume um caminho totalmente contrário àquele que Herder havia tomado em suas *Ideias*, como se devesse ser um antídoto preliminar contra esse livro. Herder sentiu uma desconfortável estranheza a respeito do comportamento de Kant, pois sabia que não lhe tinha feito nada em seu contrário. (Maria von Herder, 1820, pp. 221-223 – tradução própria)

Nessas linhas há uma forte acusação que é reforçada pelo próprio Herder numa carta a Hamann. Mas será que Kant realmente escreveu seu ensaio da *Ideia* pensando em Herder, ou melhor, com o seu objetivo principal sendo refutá-lo? Não há nada que confirme isso. Mas mesmo que assim o fosse, não tiraria os méritos teóricos do texto de Kant. Trata-se de separar aqui as questões de fato e as questões de direito do texto. Contudo, pode-se pensar que nessa época Kant estava atarefado o bastante com a formulação de sua própria teoria filosófica para adentrar em contendas pessoais que não estivessem ligas teoricamente com os problemas de sua filosofia crítico-transcendental, pois ainda em 1784 publica os *Prolegômenos a toda metafísica futura* e no ano seguinte a *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Além disso, mesmo antes de publicar a *Ideia*, Kant recebe uma carta de Schütz⁴ comunicando-lhe de que estaria fundado uma nova revista em Jena e convidando-lhe a participar com trabalhos e a resenhar o livro de Herder *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*. Kant aceitou o

⁴ Cf. Kant, *Br AA* 10:392-394. Christian Gottfried Schütz (1747-1832) era professor de retórica e poesia em Jena. Em 1785 junto com Wieland e Bertuch fundaram a *Allgemeine Literaturzeitung*, um jornal dedicado à propagação da filosofia kantiana.

convite e em 5 de janeiro de 1785 foi publicado anonimamente, como era de costume, na *Allgemeine Literatur Zeitung* a recensão de Kant ao livro de Herder.

Herder não reagiu bem à recensão e, em 14 de fevereiro, se queixa numa carta a Hamann:

Em Jena anunciou-se no ultimo ano com grande pompa uma nova revista literária e Kant foi mencionado como um de seus primeiros contribuintes. E então no quarto ou quinto tópico encontrou-se ali uma recensão das minhas *Ideias*, a qual é tão maliciosa, distorcida, metafísica e completamente alheia ao espírito do livro do início ao fim, que eu me surpreendi. Jamais teria esperado que Kant, meu professor e a quem eu jamais conscientemente insultei de qualquer forma, fosse capaz de um ato tão infame. [...] Ao mesmo tempo eu lia o ensaio ‘Ideia de uma história da humanidade’, a qual supostamente deve ser a partir de um ponto de vista cosmopolita; e quando li o ensaio aprendi sobre o resenhista, mas não sobre o caráter do homem. Quão malicioso e infantil é ler o plano incompleto de um livro nem começado em seu prefácio, tomar uma ideia dele e agir como se não houvesse nenhum livro desse tipo no mundo...Que bom que agora eu sei o que posso esperar do *Magistro VII. Artium*; e sorte que eu não precisei do seu plano infantil de que no fim dos tempos o homem foi criado para a espécie e para a mais perfeita máquina estatal. O que eu quero pedir de você, meu mais caro amigo, é que no futuro não continue a comunicá-lo sobre meus escritos em *prima manu* e não mande mais a ele meus cumprimentos. Eu deixo o trono crítico-metafísico para o senhor Apollo, sobre o qual ele se ensoberba, pois para mim isso está cheio de um espesso nevoeiro e nuvens. Não deixe que ele saiba de que eu sei quem foi o recensor, pois para ele seria bom que eu voltasse os olhos para o seu ídolo da razão ou se eu o destruísse... Seus últimos ensinamentos a mim são completamente indecorosos. Eu tenho quarenta anos de idade e não sento mais no banco de sua classe de metafísica. (Hamann, 1919, pp. 362 ss. – tradução própria)

Essa mesma acusação é reforçada por Maria von Herder:

Em primeiro de Janeiro aparece em Jena a *Allgemeine Literaturzeitung*. Kant foi convidado pelos editores para colaborar com um trabalho; ele respondeu a eles que não podia tomar parte dessa empresa, mas prometeu certamente enviar uma recensão. Essa resposta se tornou conhecida: ficamos especialmente ansiosos a respeito dela: numa das primeiras páginas ela aparece e era uma recensão sobre a primeira parte das *Ideias* de Herder! Também essa segunda prova da antipatia de Kant machuca-lhe. Ele não fazia nem muito, nem pouco caso de recensões. Mas ele não sabia explicar esse ato senão como um tipo de vingança de Kant, já que ele não havia divulgado seus livros. [...] Resumindo, Herder ficou perturbado,

lamentou e desprezou todo esse comportamento de tal forma que não quis tomar nenhuma atitude contra o seu antigo professor, com o qual ele estava em dívida, senão silenciar-se. (Maria von Herder, 1820, pp. 223-225 – tradução própria)

Herder viu a recensão de Kant como um infantil ato de vingança cuja única resposta digna era o silêncio. Certo é que, conforme a carta de Schütz, Maria von Heder estava errada, pois Kant foi convidado a resenhar o livro de Herder, claro que ele podia aceitar ou não, mas não foi algo premeditado. Mas pior do que a acusação de vingança, foi a insinuação de Herder de que Kant havia lhe “roubado” sua ideia de uma história da humanidade. A partir de então houve uma ruptura absoluta entre as relações pessoais entre Kant e Herder, mas não do debate e nas disputas teóricas, que apenas começaram.

Em 18 de fevereiro de 1785 Schütz volta a escrever a Kant sobre a recensão recém publicada:

O senhor já deve ter visto sua recensão de Herder impressa. Todos que a julgaram imparcialmente consideram-na uma obra prima de precisão, e (...) muitos o reconheceram nela. Eu posso dizer ao senhor que essa recensão que saiu nesse caderno experimental contribuiu bastante para a *Allgemeine Literaturzeitung*. O senhor Herder deve ter ficado bastante sensível a esse respeito. Um jovem recém convertido de nome Reinhold, o qual está hospedado em Weimar na casa de Wieland e que recentemente alardeou uma repugnante concordância com a obra de Herder na revista *Deutscher Mercur*, quer publicar novamente no volume de fevereiro dessa mesma revista uma refutação a sua recensão. Eu envio para o senhor esse volume tão logo eu o possua. Os nossos editores ficariam muito felizes se o senhor quisesse respondê-la. Se lhe parecer sem valor tal esforço, então eu mesmo farei a réplica. (Kant, *Br AA 10:398* – tradução própria)

Esse jovem Reinhold, ao qual Schütz se refere, publicou uma refutação da resenha de Kant em março do mesmo ano na *Deutscher Mercur*, revista de que Herder era editor. No final de março é publicada na *Allgemeine Literatur Zeitung* a réplica de Kant. Enquanto isso o debate se acalora. Após essa réplica de Kant algo um tanto surpreendente aconteceu com esse jovem Reinhold. Ele era um jovem de formação jesuítica que havia se convertido ao luteranismo e viajado para Weimar em 1783. Lá ele ficou hospedado na casa do famoso escritor Christoph Martin Wieland, que também era editor da revista *Deutscher Mercur*. Em 1784 ele casa com a filha de Wieland e se torna editor assistente da *Deutscher Mercur*. Logo após a resposta de Kant a sua refutação, ele se tornou um fervoroso discípulo de Kant e em 1786-1787 publica

anonimamente naquela revista as *Cartas sobre a filosofia kantiana* (*Briefe über die kantische Philosophie*). Em 12 de outubro de 1787, ele escreve uma carta a Kant contanto que foi ele o autor da refutação sobre a primeira resenha ao livro de Herder, mas que também havia sido ele o autor das *Cartas sobre a filosofia kantiana*. Também pergunta a Kant se nessas cartas ele compreendeu corretamente sua filosofia. Kant responde que sim e faz um reconhecimento público dele no ensaio *Sobre o uso de princípios teleológicos na filosofia* (1788). Esse reconhecimento lhe ajudou a conseguir uma cátedra de filosofia em Jena. Em seguida, Reinhold passa a defender e lecionar sobre a filosofia kantiana, mesmo correndo o risco de perder a amizade de Herder. Por volta de 1793 ele se convence de que é Fichte e não Kant quem fundou a verdadeira filosofia. Ele escreveu ainda várias obras que influenciaram o desenvolvimento do idealismo alemão.⁵

Mas ainda no ano de 1785, em abril, Kant publica a *Fundamentação da metafísica dos costumes* e, em maio, *Sobre a ilegitimidade da reimpressão de livros* (*Über die Unrechtmässigkeit des Büchernachdrucks*). Em agosto Herder publica a segunda parte do seu livro *Ideias para uma filosofia da história da humanidade*, onde realiza críticas veladas ao texto de Kant *Ideia de uma história universal com um ponto de vista cosmopolita*. Em 13 de setembro Kant escreve a Schütz dizendo que fará a recensão da segunda parte do livro de Herder, a qual é publicada em novembro também pela *Allgemeine Literaturzeitung*. Mas ainda em novembro Kant publica outro ensaio na *Berlinische Monatsschrift*, qual seja, *Sobre a determinação do conceito de uma raça humana* (*Über die Bestimmung des Begriffs einer Menschenrasse*), no qual também se encontram elementos de disputa teórica com Herder. Em janeiro de 1786 Kant publica também na *Berlinische Monatsschrift* outro ensaio que vai de encontro às posições de Herder chamado *Início conjectural da história humana* (*Muthmasslicher Anfang der Menschengeschichte*). Nesse texto ele apresenta a sua interpretação sobre o início da história humana e sobre o surgimento da linguagem e do Estado.

Em 25 de junho de 1787, Kant escreve a Schütz avisando que não pode resenhar a terceira parte do livro de Herder, que havia sido publicado em 1787, pois ele precisava se dedicar a fundamentação da *Crítica do gosto*. Ainda em 1787 é publicada a segunda edição da *Crítica da razão pura*, a qual possui consideráveis modificações em relação à

⁵ Karl Leonhard Reinhold (1757-1823). Pode-se mencionar pelo menos duas obras importantes: *Ensaio sobre uma nova teoria da capacidade de representação humana* (1789); *Sobre o fundamento do saber filosófico* (1791).

edição de 1781. No início de 1788 é publicada a *Crítica da razão prática* e o ensaio *Sobre o uso de princípios teleológicos na filosofia* (*Über den Gebrauch teleologischer Prinzipien in der Philosophie*), sendo que a fundamentação da *Crítica do gosto* é publicada apenas em 1790 sob o título *Crítica do juízo*.

Contudo, apesar de Kant ter se dedicado a partir de 1786 a temas semelhantes aos de Herder, ele não se pronunciou mais publicamente a respeito do seu antigo discípulo. Tratou-se de um embate no mínimo curioso. Enquanto Kant se posicionava publicamente, Herder se silenciou. Quando Kant se silenciou, Herder resolveu falar. É possível dizer que esse embate teórico com Herder também tenha servido como aguilhão para que Kant se debruçasse mais intensamente sobre as questões ligadas ao conceito de organismo e de causalidade teleológica. Mas não parece evidente a tese de Zammito de que Herder seria o grande antagonista não mencionado da crítica do juízo teleológico, isto é, que “as origens da terceira Crítica se encontram na amarga rivalidade de Kant com Herder” (Zammito, 1992, p. 9). Como aponta Kuehn (2001, p. 345), podem ser mencionados três contra-argumentos à leitura de Zammito: primeiro, que Kant havia delegado a Kraus a tarefa de uma refutação de Herder, visto que ele queria trabalhar na sua terceira *Crítica*; segundo, a interrogação de Zammito sobre o motivo de Kant acrescentar um debate sobre a teleologia na terceira *Crítica* é anacrônica, uma vez que naquela época a Estética não era uma disciplina com um campo bem delimitado e, por conseguinte, não era estranho à teleologia; terceiro, Kant escreve numa carta a Reinhold em dezembro de 1787 dizendo que a teleologia já era uma parte importante do seu projeto transcendental desde o início (cf. Kant, *Br AA 10:513-516*). Em suma, não havia necessidade de que Herder chamasse a atenção de Kant para o problema da teleologia. Contudo, isso também não quer dizer que Herder não tenha tido qualquer importância como interlocutor anônimo na terceira *Crítica*.

A partir de 1795 Herder começou uma grande empreitada contra a filosofia kantiana. Na sua obra *Briefe zur Beförderung der Humanität* (*Cartas para a promoção da humanidade*) Herder escreve o seguinte sobre Kant:

Eu tive a felicidade de desfrutar da oportunidade de conhecer um filósofo, o qual foi meu professor. Em seus anos mais florescentes ele tinha a alegria de um jovem, a qual, creio eu, acompanha-o em sua idade madura. Sua mente aberta e adequada ao pensar era um lugar de inabalável jovialidade e contentamento; um discurso rico em pensamentos fluía de seus lábios; gracejos, piadas e humor eram uma

regra e suas instrutivas palestras eram os mais ricos momentos de debate. Com o mesmo espírito que ele ensinou Leibniz, Wolf, Baumgarten, Crusius, Hume e buscou as leis da natureza de Kepler, Newton e dos físicos, ele tomou os escritos recém publicados de Rousseau, seu Emílio e sua Heloísa, assim como todas as descobertas naturais que a ele se tornavam conhecidas, apreciava-lhes e retornava sempre para o conhecimento imparcial da natureza e para o valor moral do homem. A história da natureza, dos homens e dos povos, a doutrina da natureza, a matemática e a experiência eram as fontes a partir das quais ele dava vida as suas palestras e as suas conversas; nada que fosse relevante cientificamente lhe era indiferente; qualquer intriga, benefício ou ambição por reconhecimento jamais lhe serviu como menor estímulo contra a ampliação e o esclarecimento da verdade. Ele encorajava e forçava agradavelmente ao *próprio pensar*; o despotismo lhe era alheio ao ânimo. Este homem que menciono com a maior gratidão e consideração é Immanuel Kant [...]. (Herder, 1795, p. 32 – tradução própria)

A primeira vista, Herder parece tecer grandes elogios a Kant, mas com mais cuidado se percebe que todos os verbos estão conjugados no passado, o que sugere que o Kant descrito por Herder não seria mais o mesmo da época em que este era seu aluno, insinuando que o despotismo havia tomado lugar em seu espírito.

Num dos rascunhos desse texto encontra-se o seguinte fragmento não publicado:

Ora, vocês devem pensar facilmente que não é culpa dele, se se faz um mal uso de sua filosofia e, em parte, se lhe atribui uma forma distinta daquela que o seu criador lhe havia dado. Eu sei em que espírito e para qual finalidade ele escreveu seus primeiros pequenos escritos; este espírito não lhe deixou quando ele escreveu suas últimas grandes obras; disso sua própria obra é testemunha. É falso, totalmente falso que sua filosofia abstraia da experiência, já que ela muito mais aponta de maneira forte e final para ela, onde precisa começar de algum modo. É falso que ele ame uma filosofia, a qual sem conhecimento de outras ciências produza perpetuamente vagens vazias; fazer isso não é do seu perfil [...]. Sua *Crítica da razão pura* deveria ser um catártico, um teste e uma limpeza de suas forças, uma determinação de seus limites, uma limpeza do campo metafísico, *mas não de todo conteúdo do saber humano e do pensar*, sobre o que o autor coloca nítidos esclarecimentos. [...] Como me admirava quando eu lia e ouvia, assim como um dito popular, que se precisa um ano de esforço apenas para ler estes grossos livros, que era difícil de se compreender, abarcar e conceituar o conteúdo desses escritos e que, por isso, não havia nenhum outro meio de evitar a não-compreensão e a má-compreensão deles a não ser o esclarecimento autêntico do seu autor. Um dos chefes de partido lê contra o outro com um atestado carimbado de que ele entendeu corretamente o autor; e assim o

compreensível, claro e até mesmo expressivo Kant foi transformado em outro *Duns Scotus* de nosso tempo, para cujo verdadeiro significado se precisa cavar como uma toupeira ou para o qual se precisa peregrinar. Finalmente, a intolerância com a qual os kantianos carimbados e os não carimbados falavam, louvavam, amaldiçoavam e repreendiam em seu tribunal universal era tão desprezível nessa parte da Alemanha que eles deveriam ser contrários ao caráter tolerante e contra o refletido sentido de verdade do criador dessa filosofia. Uma filosofia crítica que não quer pregar nenhum dogmatismo, mas que se introduz com fogo e espada, com zombarias e xingamentos é o mais lastimável despotismo. (Herder, 1795, p. 570-572 – tradução própria)

Relacionado a esse fragmento se encontra na biografia escrita por Maria von Herder o seguinte:

Com a morte de Hamann e Hartknoch, Herder perdeu toda relação com Königsberg a partir do ano de 1788. No ano de 1795 ele tomou a oportunidade de dizer aberta e agradecidamente nas *Cartas para a promoção da humanidade* o que Kant havia lhe significado; talvez também dizer publicamente sob qual ponto de vista a filosofia de Kant deveria ser vista, introduzindo algum debate sobre ela e, igualmente, alertando contra o seu mau uso; mas ele achou que essa segunda parte não pertencia ao texto e colocou essas páginas de lado. (Maria von Herder, 1820, p. 224 s. – tradução própria)

Essas passagens nos indicam que a partir de certo momento, Herder acreditava ter entendido o espírito da filosofia kantiana melhor do que o próprio Kant, ou melhor, que o próprio Kant tinha se perdido de seu espírito crítico. Mas como se pode acreditar que o Herder de 1799 pudesse saber há mais de trinta anos quais eram os princípios da filosofia crítica, dos quais surgiram a *Crítica da razão pura*? Nessa época, a desconfiança em relação a toda a metafísica era muito forte em Kant. Mais do que isso, no início dos anos sessenta Kant era avesso a qualquer *sistema metafísico*, pois estava fortemente influenciado pela filosofia empírica inglesa e, por isso, muito próximo do ceticismo. Isso pode ser percebido na sua nota as preleções de 1765 onde Kant nega qualquer possibilidade de se aprender a Filosofia, a única coisa que se pode aprender é a filosofar.⁶ Em suma, para Herder o verdadeiro espírito da filosofia kantiana é aquele avesso a toda metafísica e, por extensão,

⁶ Cf. “Semelhante didática, exige-se da própria natureza da Filosofia. Mas, como esta é propriamente uma ocupação para a idade adulta apenas, não é de admirar que surjam dificuldades quando se quiser acomodá-la à aptidão menos exercitada da juventude. O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a aprender. Ele pensa que, de agora em diante, vai *aprender Filosofia*, o que porém é impossível, pois agora ele deve *aprender a filosofar*.” (Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766, In: Kant, *Lógica*, trad. por Guido de Almeida, 1999, p.174)

alheio a todo sistema filosófico. Para ele, importava o caráter livre do qual se lembrava do pensamento de Kant e é somente nesse sentido que Herder pode estar se reconhecendo como um herdeiro. Nas palavras de Hayn (1954, p. 55), Herder permanece um kantiano dos anos de 1765, que vê o Kant da década de oitenta com o mesmo olhar de sua época de estudante, apenas com mais cores e conteúdo.

Em 1799, Herder publica em dois volumes a obra *Metakritik der Kritik der reinen Vernunft* (*Metacrítica da crítica da razão pura*), sendo que o segundo volume se intitula *Vernunft und Sprache* (*Razão e linguagem*). Nesse texto ele procura desconstruir os pressupostos básicos da filosofia kantiana. Da mesma forma que Reinhold tinha saído em defesa de Herder, agora é um discípulo de Kant que sai em sua. Em 15 de novembro 1799, Kiesewetter⁷ escreve uma carta a Kant juntamente com o seu primeiro volume publicado da refutação a Herder, intitulado *Prüfung der Herderschen Metakritik zur Kritik der reinen Vernunft* (*Prova da meta-crítica de Herder à crítica da razão pura*). Nessa carta lê-se:

Além desses produtos de minha terra natal, o senhor recebe também outro produto escrito por mim, a primeira parte de *Prova da meta-crítica de Herder*. Falando sinceramente, eu nem considero o falatório de Herder em si mesmo como digno de refutação e eu não teria me dedicado a isso se o velho escritor Wieland não tivesse alardeado louvor a esse pasquim na *Deutscher Merkur* e se o tom vanglorioso e enganador de Herder não tivesse me incomodado tanto. Como o senhor irá ver, eu fui enérgico ao proceder com ele, mas, acredito, como um cavalheiro. Impressionante e risível é que a maior parte dos opositores de seu sistema se contrapuseram a empresa de Herder, [294] pois eles não o compreenderam, uma acusação que em grande medida se pode fazer com direito. Nada me divertiu mais do que quando Herder começou a tagarelar sobre matemática; quase não se pode acreditar da forma como ele invade o espírito dessa ciência e começa a falar arrogantemente sobre ela. Pode-se certamente chamá-lo com direito: *Si tacuisses*. (Kant, *Br AA 12:293 s.* – tradução própria)

No ano seguinte, em 8 de julho de 1800, Kant escreve uma carta a Kiesewetter agradecendo as cenouras e o segundo volume da refutação de Herder.

⁷ Johann Gottfried Carl Christian Kiesewetter (1766-1819) estudou em Halle onde conseguiu uma bolsa para frequentar pessoalmente as aulas de Kant. Em 1790 recebe o título de doutor em Halle e em 1793 é nomeado professor em Berlin. Publicou vários livros defendendo e difundindo a filosofia kantiana e também serviu de informante de Kant sobre os acontecimentos na corte de Friedrich Wilhelm II. Era também ele quem garantia a remessa do vegetal favorito de Kant, as cenouras, sendo elas os “produtos de minha terra natal” ao qual ele se refere na carta a seguir.

Em 1800, Herder publica *Kalligone*, obra dedicada a refutar à *Crítica do juízo* de Kant. No seu prefácio Herder retorna ao tema de sua antiga relação com Kant, mas ele quer restringir e diminuir as afirmações que tinha feito em 1795, nas *Cartas para a promoção da humanidade* (Cf. Hayn, 1954, p. 51). No referido excerto de *Kalligone* lê-se:

Quem, não consegue compreender juízo algum da linguagem comum até que, com aparente esforço, o *traduza* para a linguagem crítica, ou ainda “crítico-transcendental”, quem não sabe conversar com Deus e com sua esposa senão de forma “crítico-transcendental”, é incapaz nas palavras, nos pensamentos e, certamente, incapaz de conduzir a vida. Que Deus, que santo podem ajudá-lo no uso apropriado de seus membros? (Herder, 1819, pp. xx-xxi – tradução própria)

Segundo o relato de Maria von Herder:

Mais de uma vez Herder disse: ‘quero provocar e mexer com Kant através de meus escritos para que ele próprio se esclareça sobre a má compreensão de sua filosofia.’ [...] ‘A filosofia kantiana deve ser vista como um fermento; os tolos tomam a levedura pela massa mesma. Por isso todo esse incompreensível disparate. É uma mesquinhez de Kant, já que ele é o que melhor sabe disso, deixar os homens no erro e sacrificar a verdade pela vaidade de ter fundado uma escola. O tempo irá deixar isso claro. – Em minha posição era um dever bradar da forma mais alta que eu podia contra os perniciosos efeitos da mesma; eu os queria provocar, para que me escutassem’. (Maria von Herder, 1820, pp. 228-230 – tradução própria)

Depois de acompanhar essa troca de críticas fica a questão, por que Herder abandonou sua postura silenciosa e assumiu uma postura abertamente crítica em relação à filosofia kantiana? Segundo Hayn:

não há dúvida que todas as afirmações que Herder fez nos anos seguintes foram impulsionadas pela sua inclinação de utilizar, averiguar e esclarecer de uma forma livre a doutrina de Kant, isto é, a opinião mais sincera de Herder era que o que ele escrevia era para Kant e contra o kantismo vulgar, para o espírito de Kant e contra a sua letra morta, para o uso e contra o mau uso de sua doutrina. (Hayn, 1954, p. 699 – tradução própria)

Ou seja, tratou-se de uma postura suscitada não tanto por Kant mesmo, mas pela necessidade de se contrapor ao kantismo que cresceu enormemente nos anos noventa. Além disso, é importante destacar que

para Herder também se tratava sempre da defesa de um “espírito kantiano” da década de sessenta.⁸

2. Tradução da primeira recensão de Kant a Herder

[45] Ideias para uma filosofia da história da humanidade de Joh. Gottfr. Herder. *Quem te Deus esse iussit et humana qua parte locatus es in re discere*⁹. Primeira parte. 318 Páginas. Quarto. Riga e Leipzig: Hartknoch, 1784.

O espírito do nosso engenhoso e eloquente autor mostra neste escrito toda a sua reconhecida originalidade. Por isso essa obra não deveria ser, assim como as outras fluídas de sua pena, julgada segundo o padrão de medida costumeiro. É como se o seu gênio não apenas colecionasse as ideias do vasto campo das ciências e das artes no intuito de multiplicá-las com sua comunicação, mas ele as transforma num tipo específico de pensamento segundo uma determinada lei de assimilação (empregando sua própria expressão), a qual ele utiliza de um modo muito peculiar. Através disso, essas ideias se distinguem notoriamente daquelas pelas quais outras almas se alimentam e crescem (p. 292), tornando-se pouco capazes de comunicação. Por isso, na verdade, o que ele estabelece como filosofia da história da humanidade poderia ser algo completamente diferente daquilo que normalmente se compreende por este nome: não possui uma exatidão lógica na determinação dos conceitos ou uma meticulosa distinção e justificação dos princípios, mas possui uma perspectiva pouco detalhada e muito compreensiva, uma desenvolvida sagacidade na descoberta de analogias e, no seu uso, uma ousada imaginação ligada com a habilidade de manter numa obscura distância o seu objeto conquistado através de intuições e sentimentos, os quais permitem pressupor, enquanto efeitos de um grande conteúdo de pensamento ou de indicações ambíguas, muito mais do que deveras a fria apreciação neles poderia encontrar. Mas nesse caso a liberdade de pensamento (a qual aqui é encontrada em grande quantidade), exercitada por uma fecunda inteligência, oferece sempre matéria para reflexão, assim nós procuraremos, tanto quanto possível, extrair o mais importante e original dessas ideias, expondo-as com suas próprias palavras e acrescentando ao final algumas anotações a respeito do todo.

⁸ Uma análise do conteúdo das recensões de Kant será feita no comentário introdutório a ser publicado com a tradução da segunda recensão.

⁹ Este verso é a epígrafe da primeira parte das *Ideias* de Herder. “Conhece o tipo de homem que tu devas ser segundo o mandamento de Deus e qual o teu lugar no mundo” (Persius – Aulus Persius Flacus 34 a.c.- 62 d.c. – Saturae, v. v.71-73.)

[46] Nosso autor começa ampliando a perspectiva para atribuir ao homem seu lugar entre os demais habitantes dos planetas de nosso sistema solar¹⁰. A partir da localização intermediária e não desvantajosa do planeta no qual ele habita, o autor conclui que um mero “entendimento terreno mediano e uma virtude humana ainda muito equívoca, sobre o que ele aqui pode contar e, contudo (já que nossos pensamentos e forças se desenvolvem manifestamente a partir da nossa organização terrena e aspiram tanto tempo por mudar e se transformar até que eles sejam úteis de alguma forma para a pureza e delicadeza concedidas a nossa criação e, se a analogia pode ser nossa guia, isso não deve ser diferente em outros planetas), ainda deixa pressupor que o homem pode ter uma meta junto com tais moradores, não apenas para partir finalmente em mudança para mais um planeta, senão para talvez alcançar uma relação com todas as criaturas que alcançaram maturidade em tantos e tão diversos mundos irmãos”. A partir disso, a consideração vai para as revoluções que antecederam a geração do homem. “Antes que nosso ar, nossa água e nossa terra pudessem ter sido produzidos, diversos elementos [*Stamina*] necessitaram ser dissolvidos e precipitados entre si; e os diversos gêneros da terra, das pedras, dos cristais e até mesmo da organização em moluscos, plantas, animais e finalmente no homem, quantas dissoluções e revoluções de um a outro eles não pressupõem? Ele, o filho de todos os elementos e seres, sua requintada quintessência [*Inbegriff*] e ao mesmo tempo a flor da criação terrena, não poderia ser nada além do último e favorito filho da natureza, para cuja formação e recepção precisaram preceder muitas revoluções e desenvolvimentos.”

Na unidade provocada pela forma esférica da terra junto a toda multiplicidade imaginável, o autor encontra um objeto de admiração. “Quem sempre tivesse tomado em consideração esta figura teria conseguido converter uma crença literal em filosofia e religião, ou matar com sombrio, mas santo fervor?” Também a inclinação da elíptica dá a ele ensejo para a consideração do desígnio do homem: “sob a trajetória oblíqua de nosso sol todo o fazer do homem ocorre em estações do ano”. Para o autor, o conhecimento mais detalhado da atmosfera e mesmo a influência dos corpos celestes sobre ela, quando isso for mais conhecido, aparenta prometer um grande influxo sobre a história da humanidade. Na seção da divisão das terras e mares [47] a estrutura da terra é apresentada como um fundamento explicativo da diversidade da história dos povos. “A Ásia é tão interligada em costumes e comportamentos da mesma

¹⁰ Herder começa seu livro com o seguinte título: “A terra é um astro entre outros astros” e sua primeira frase é “Nossa filosofia da história do gênero humano precisa começar do céu, se ela quiser receber esse nome.” (Nota do tradutor)

forma que ela se estende em um único chão; o pequeno Mar Vermelho, por outro lado, separa os costumes, o que acontece ainda mais no pequeno Golfo Pérsico; mas os muitos lagos, montanhas e rios da América e a terra firme não são sem razão tão extensos na zona temperada; e a estrutura do antigo continente, como primeira morada do homem, foi organizada pela natureza intencionalmente de um modo distinto do que no novo mundo.” O segundo livro se ocupa das organizações sobre a terra: inicia com o granito, sobre o qual atuou luz, calor, um ar primitivo e água e talvez transformaram o sílex em terra calcária, na qual se formaram as primeiras criaturas vivas dos mares, os moluscos. A vegetação tem seu início mais a frente. Comparação do desenvolvimento do homem com o das plantas e o amor sexual do primeiro com as flores do segundo. Uso do reino vegetal em consideração ao homem. Reino animal. Variação dos animais e do homem segundo o clima. Os do velho mundo são incompletos. “As classes de criaturas se ampliam tanto mais elas se distanciam do homem, enquanto que mais próximas dele, tanto menos numerosas elas ficam. – Em todas há uma forma básica, uma estrutura óssea semelhante. – Esta passagem não torna improvável que uma mesma disposição de organização governe as criaturas marítimas, as plantas e até mesmo talvez os seres chamados inanimados, ainda que apenas de uma forma infinitamente mais rudimentar e confusa. Talvez, da perspectiva do ser eterno que tudo vê segundo uma inter-relação, a forma do cristal de gelo, assim como ele se produz e do floco de neve que nele se forma, haja uma relação análoga com a formação do embrião no corpo materno. O homem é uma criatura intermediária [*Mittelgeschöpf*] entre os animais, isto é, a forma mais expandida, na qual *todas as características de todas as espécies* estão reunidas nele na mais elaborada quintessência. – Do ar e da água eu vejo, por assim dizer, os animais das alturas e profundezas chegarem ao homem e passo a passo se aproximarem da sua forma.” Este livro encerra: “Alegra-te da tua condição, oh homem, e te estudes, nobre criatura intermediária, em tudo o que em ti vive!”

O terceiro livro compara a estrutura das plantas e animais com a organização do homem. Nós não podemos segui-lo onde ele utiliza as observações dos naturalistas para seu propósito; mencionamos apenas alguns resultados: “Através de tais e tais órgãos a criatura gera para si [48] o estímulo [*Reiz*] vivo a partir de vegetais mortos e a partir da soma disso, depurado através de elaborados canais, gera o meio da sensação [*Empfindung*]. O resultado dos estímulos se torna *impulso* [*Trieb*] e o resultado da sensação *pensamento* [*Gedanke*]: um progresso eterno da criação orgânica *que foi colocado em cada criatura viva.*” O autor não

tem em conta gérmenes [*Keime*], mas uma força orgânica, tanto nas plantas como nos animais. Ele diz: “assim como a planta é ela mesma uma vida orgânica, também o pólipo o é. Por isso existem muitas forças orgânicas: a da vegetação, a do estímulo muscular e a da sensação. Quanto maior o número e mais elaborado são os nervos e quanto maior for o cérebro, tanto mais inteligente será a espécie. A *alma animal* é a soma de todas as forças atuantes na organização” e o instinto não é uma força natural especial, mas a direção dada pela natureza àquelas forças conjuntas através da sua temperatura. Quanto mais o princípio orgânico da natureza, que nós agora chamamos de *formador* (na pedra), de *impulsivo* (nas plantas), de *sensitivo* e de *construtivo* é fundamentalmente uma única e mesma força orgânica, quanto mais ele é dividido em ferramentas e em diversos membros, quanto mais esse princípio tem em si mesmo um mundo próprio, - tanto mais desaparece o instinto e começa um uso propriamente livre dos sentidos e dos membros (assim como no homem). Finalmente o autor chega à diferença essencial da natureza do homem. “O caminhar ereto do homem é para ele naturalmente único, de fato, ele é a organização para a completa vocação da sua espécie e de seu distinto caráter.”

Não por que ele estava destinado à razão, a qual lhe indicaria a forma de usar racionalmente seus membros na posição ereta, senão que ele adquiriu a razão através da posição ereta, como um efeito natural da mesma constituição que foi necessária para o seu andar correto. “Deixemos permanecer com um olhar agradecido junto a esta sagrada obra de arte, a benção pela qual nosso gênero [*Geschlecht*] tornou-se um gênero humano, com admiração, pois vemos quais as novas organizações de forças se iniciam na forma ereta da humanidade e como unicamente através dela o homem tornou-se um homem!”

No livro quarto, o autor segue desenvolvendo seu ponto: “O que faltou para a criatura primata (ao macaco) que não o fez homem,” e porque esse chegou a sê-lo? Através da moldagem da cabeça *para a forma ereta*, através da organização interna e externa ao centro de gravidade perpendicular; – o macaco tem todas as partes [49] do cérebro que o homem possui; mas ele as possui segundo a forma de seu crânio numa posição pressionada para trás e isso por que sua cabeça se formou em outro ângulo, não sendo feita para andar na posição ereta. Logo, todas as forças orgânicas atuam de outra forma. – “Oh homem, olhe para o céu e te alegres e estremeças por tua incomparável prerrogativa, a qual o criador do mundo ligou a tua forma ereta segundo um princípio tão simples. – Erguido sobre a terra e as ervas não é mais o olfato que reina, mas a visão. – Com o caminhar ereto o homem tornou-se um criador de

artefatos e recebeu mãos livres e artísticas, – apenas com o caminhar ereto se realiza a verdadeira linguagem humana. Teórica e praticamente, a razão é nada além de algo *adquirido* [*Vernommenes*], a aprendida proporção e direção das ideias e forças para a qual o homem foi formado segundo sua organização e modo de vida.” E agora a liberdade. “O homem é a primeira criatura posta em liberdade: ele está erguido”. A vergonha: “Ela logo precisaria se manifestar na posição ereta”. Sua natureza está submetida a nenhuma variedade especial. “Por que disso? Através da sua forma ereta, nada mais. Ele foi formado para a humanidade; pacificidade, amor sexual, simpatia, amor maternal, [sendo cada um] um degrau da humanidade da sua formação ereta – a regra da justiça e verdade se funda sobre a própria forma ereta do homem, a qual também lhe forma para a decência: a religião é a mais alta humanidade. Os animais curvados percebem obscuramente; Deus ergueu o homem, para que ele, mesmo sem o saber e querer, encontre as causas das coisas e a ti, oh grande ligação de todas as coisas. A religião produz esperança e crença na imortalidade.” O quinto livro fala do último tema. “Das pedras aos cristais, destes para os metais, destes para as criaturas vegetais, daí para os animais, finalmente ao homem, nós vemos levantar a forma da organização e com ela também se diversificam as forças e os impulsos das criaturas e, finalmente, todas essas se reunindo na forma do homem, tanto quanto essa pode compreendê-las.”

“Através dessa série de seres percebemos uma semelhança na forma principal, a qual se aproxima cada vez mais da forma humana – de modo semelhante também vemos se aproximar as forças e impulsos. Em toda criatura também o seu tempo de vida foi ajustado segundo o fim da natureza, ao qual cada criatura deveria promover. Quanto mais organizada é uma criatura, tanto mais sua construção é assentada sobre os reinos inferiores. O homem [50] é um compendio do mundo: calcário, terra, sal, ácidos, óleo e água, forças da vegetação, dos impulsos, e da sensação estão unidos organicamente nele. – Isso também nos leva a admitir um *reino invisível de forças*, que se encontra exatamente na mesma relação e passagem, e uma série crescente de forças invisíveis tal como existe no reino das criaturas visíveis. – Isso tudo não apenas para a imortalidade da alma, mas para a duração de todas as forças vivas e atuantes na criação do mundo. A força não pode findar, mas o instrumento pode ser destruído. Aquilo que chama todos os seres vivos para a vida, isso vive; aquilo que atua, atua perpetuamente em sua eterna conexão.” Esses princípios não são separados um do outro “por que aqui não é o lugar para isso”. Entretanto “nós vemos na matéria tantas forças semelhantes às espirituais que uma completa contraposição e contradição

de seres certamente tão distintos, de espírito e de matéria, parece senão ela mesma contraditória, pelo menos totalmente indemonstrável”. – “Nenhum olho viu germens pré-formados [*Präformierte Keime*]. Quando se fala de uma epigênese, fala-se impropriamente como se os membros crescessem a partir *de fora*. Formação (*genesis*) é um efeito de *forças internas* preparadas pela natureza em uma massa que se *auto-produz* e que deveria tornar-se visível. Não é nossa alma racional que forma o corpo, mas a força orgânica, dedo da divindade.” Ora, isso significa: “1. força e órgão estão unidos da forma mais íntima possível, mas não são uma e mesma coisa; 2. toda força atua harmonicamente em seu órgão, pois ela se formou e se assimilou nele apenas para manifestar sua essência; 3. quando cai o envoltório, permanece então a força, que, todavia, já existia mesmo antes deste envoltório, embora num estado inferior e igualmente orgânico.” Por isso o autor diz aos materialistas: “nossa alma tem originalmente e da mesma forma todas as forças da matéria, dos impulsos, do movimento e da vida e atua apenas num estágio superior, numa organização delicadamente formada; então se tem visto acabar mesmo uma única força de movimento e de impulso? Essas forças inferiores junto com seus órgãos são uma e a mesma coisa?” A partir da ligação das mesmas significa que ele só poderia estar em progresso. “O gênero humano pode ser observado como a grande confluência das forças orgânicas inferiores, as quais devem germinar nele para a formação da humanidade.”

[51] Que a organização humana se dá em um reino de forças espirituais é mostrado da seguinte forma: [1.]“o pensamento é algo completamente diferente daquilo que é apresentado pelos sentidos; todas as experiências sobre sua origem são comprovantes do efeito de um ser orgânico que atua, embora por sua própria força, segundo leis de relações espirituais. 2. Assim como o corpo cresce através do alimento, o espírito cresce através de ideias; de fato percebemos nele as mesmas leis da assimilação, do crescimento e da produção. Rapidamente é formado em nós um homem espiritual interno, o qual é sua própria natureza e que utiliza seu corpo apenas como ferramenta. A clara consciência, esta grande vantagem da alma humana, foi ela mesma primeiramente formada de um modo espiritual através da humanidade etc.” Em uma palavra, se nós entendemos corretamente: a alma passou a ser pela primeira vez pelo acréscimo gradual de forças espirituais. – “Nossa humanidade é apenas um exercício preliminar, o botão para uma futura flor. A natureza descarta gradualmente o desnobre, por outro lado, cultiva o espiritual e desenvolve de forma mais refinada aquilo que já era nobre e, assim, de suas mãos artísticas podemos ter esperança que

também o nosso botão de humanidade aparecerá naquela existência em sua real, verdadeira e divina forma humana [*Menschengestalt*].”

A conclusão é feita pela frase: “O atual estado do homem é provavelmente o de um membro vinculado a dois mundos. – Se o homem encerra a cadeia da organização da terra como seu último e mais alto membro, então, por isso mesmo, ele inicia como o membro mais baixo da cadeia de uma espécie de criaturas mais elevadas, e assim, ele é provavelmente o elo intermediário entre dois sistemas interligados de criação. – Ele nos apresenta de uma vez dois mundos, o que é feito pela aparente duplicidade de sua essência. – A vida é uma luta e a flor da pura e imortal humanidade é uma coroa dificilmente conquistada. – Nossos irmãos dos níveis superiores certamente nos amam mais por isso, enquanto nós podemos buscá-los e amá-los; pois eles vêm nossa situação com mais clareza, – e eles talvez nos eduquem para sermos partícipes de sua felicidade. – Isso não se deixa compreender bem: que a situação futura deva ser tão imediata em relação à atual, assim como o animal no homem gostaria de acreditar, – assim parece inexplicável a linguagem e a primeira ciência sem uma orientação superior. – Também em épocas remotas, os maiores efeitos sobre a terra se originaram através de inexplicáveis circunstâncias, – mesmo as doenças eram frequentemente ferramentas para quando o órgão se tornava inútil [52] ao habitual círculo da vida na terra; assim parece natural que talvez a infatigável força interna recebeu impressões que uma organização imperturbada não era capaz. – Claro que o homem não deve se vislumbrar [*hineinschauen*] em seu estado futuro, mas ele deve acreditar-se nele [*sichhineinglauben*].” (Entretanto, uma vez que ele acredite poder se vislumbrar [nesse estado futuro], como se pode impeli-lo de tentar fazer uso dessa faculdade outras vezes?) – “Tanto é sabido que em cada uma das suas forças se encontra uma infinidade; também as forças do universo parecem ocultas na alma, a qual exige apenas uma organização ou uma série de organizações para conseguir colocá-las em atividade e exercício. Assim como as flores aí estão em sua *forma erguida* encerrando o reino da criação subterrânea e ainda inanimada, – também o homem se encontra aí novamente *erguido* sobre todos os (animais) curvados da terra. Com um olhar elevado e com mãos elevadas ele está aí, como um filho da casa que aguarda o chamado de seu pai.”

Suplemento

A ideia e a intenção final desta primeira parte (de uma importante obra que, ao que se deixa perceber, constará de vários

volumes) se encontram no que segue. Evitando-se todas as investigações metafísicas, deve-se demonstrar a natureza espiritual da alma humana, sua persistência e progresso na perfeição a partir da analogia com as formações naturais da matéria, sobretudo em sua organização. Com esse propósito, as forças espirituais, para as quais a matéria é apenas tomada como elemento de construção, são admitidas como um certo reino invisível da criação que envolve a força viva que tudo organiza e, de tal forma, que o homem seja o esquema de perfeição daquela organização. Todas as criaturas terrenas desde os mais baixos níveis se aproximam a esse esquema até que finalmente ele veio a ser homem, através da completa organização das condições especiais do andar ereto do animal. Mesmo com sua morte jamais poderia cessar o progresso e o aumento das organizações, antes mostrado circunstancialmente em todas as formas de criaturas, senão que se deixa muito mais esperar um salto da natureza para organizações ainda mais complexas, sendo ele apoiado e elevado no futuro para níveis de vida ainda mais altos e assim sucessivamente ao infinito. Como autor dessa resenha, preciso confessar que não entendo essa conclusão a partir da analogia da natureza [53], mesmo se eu quisesse acolher aquela gradação continuada das criaturas da natureza e sua regra de aproximação ao homem. Pois aí são seres *distintos* que ocupam os vários níveis da organização sempre mais perfeccionista. Portanto segundo tal analogia apenas seria possível concluir: que em *algum outro lugar*, num outro planeta qualquer, poderia haver por sua vez alguma criatura que ocupasse o próximo nível mais alto de organização sobre o homem, mas não que o mesmo *indivíduo* possa alcançar isso. Nos pequenos animais que desenvolvem asas, como nas larvas e lagartas, têm-se um arranjo distinto totalmente peculiar, mas normal da natureza, e mesmo aí também a paligênese não é resultado da morte, mas apenas do estado de *crisálida*. Ao contrário, dever-se-ia ter provado aqui: que a natureza deixa os animais se levantarem de suas cinzas para uma organização especificamente mais perfeita, mesmo após sua decomposição ou cremação, para que, após a analogia, se possa concluir isso também para o homem, que aqui é reduzido a cinzas. Portanto, não existe a menor semelhança entre a elevação de nível [*Stufenerhebung*] do mesmo homem para uma organização mais perfeita em outra vida e a hierarquia [*Stufenleiter*] que se pode pensar nas mais diversas espécies e indivíduos de um reino natural. Aqui a natureza não nos deixa ver nada além de que ela abandona os indivíduos à completa destruição e que mantém apenas a espécie; lá, entretanto, exige-se saber sobre se também o indivíduo humano sobreviverá a sua destruição aqui na terra, o que talvez pode ser concluído a partir de princípios morais,

ou, caso se queira, a partir de princípios metafísicos, mas jamais segundo alguma analogia da geração observável. Mas no que diz respeito àquele reino invisível de forças eficientes e autônomas, não se pode entender bem o motivo pelo qual o autor, uma vez que ele acreditava poder concluir aquela existência a partir da geração orgânica, não atentou primeira e preferencialmente ao princípio pensante no homem, enquanto mera natureza espiritual, sem o que, a construção da organização se levanta a partir do caos; ora, poderia ser que ele concebeu a força espiritual como algo completamente distinto da alma humana e esta não como substância especial, senão que ele a via apenas como efeito de uma natureza geral, invisível e viva, que atua sobre a matéria, opinião frente a qual se pode colocar facilmente objeções. Contudo, o que se deve pensar em geral sobre a hipótese de forças invisíveis atuando [54] na organização e, com isso, sobre a investida de querer explicar *aquilo que não se compreende* através de algo *ainda menos compreensível*? daquelas nós podemos pelo menos conhecer as leis através da experiência, embora as causas das mesmas permaneçam certamente desconhecidas; até mesmo qualquer experiência delas é perturbadora, ora, o quê o filósofo pode apresentar para justificar suas pretensões, senão o simples desespero de encontrar uma explicação em um conhecimento qualquer da natureza e de procurar a solução no fecundo campo da faculdade poética? Também isso é sempre metafísica e, até mesmo, muito dogmática, tanto quanto o nosso autor a recusa, pois o modismo assim o quer.

Contudo, no que concerne a hierarquia das organizações, não se lhe pode imputar assim tanta recriminação, se sua intenção não era ir muito além deste mundo; pois seu uso em consideração ao reino natural aqui na terra conduz igualmente a nada. A pouquíssima diferença entre uma tão grande multiplicidade, quando se compara as *semelhanças* das espécies entre si, é uma consequência necessária da mesma multiplicidade. Entretanto, um *parentesco* entre elas – seja que uma espécie tivesse surgido de outra e todas de uma única espécie original, seja que elas tivessem sido criadas a partir do mesmo ventre – conduziria a *ideias* tão exorbitantes que nossa razão estremeceria frente a elas, mas não se pode imputar tais ideias a nosso autor sem injustiça-lo. No que concerne a sua contribuição à anatomia comparada de todas as espécies animais descendo até as plantas, aqueles que trabalham com a descrição da natureza podem julgar em que medida a indicação que ele oferece lhes pode ser útil para novas observações e se, de fato, ela possui em geral algum fundamento. Mas a unidade da força orgânica (p.141) – enquanto auto-formadora em relação à multiplicidade de todas as

criaturas orgânicas e que atua em seguida de modo diverso e muito distintamente segundo a diversidade desses órgãos, o que constitui toda a diferença entre suas várias espécies e gêneros – é uma ideia que se encontra totalmente fora da doutrina observável da natureza e pertence unicamente a filosofia especulativa, mas, caso ela encontre entrada na última, provocaria grande devastação nos conceitos assumidos. Entretanto, querer determinar qual organização de cabeça, externamente em sua figura e internamente em consideração ao seu cérebro, estaria necessariamente ligada à disposição [55] do andar ereto e, mais ainda, querer determinar como uma organização orientada unicamente para esse fim abarca o fundamento da faculdade racional, através da qual o animal virá a ser partícipe: isso claramente ultrapassa toda razão humana, a qual tatearia por um fio condutor fisiológico ou voaria nas asas da metafísica.

Por meio dessas objeções não se deve todavia retirar todos os méritos dessa obra tão rica em pensamentos. Um notório (para não se mencionar as muitas reflexões tão belamente ditas, como também nobre e verdadeiramente pensadas) é a coragem com a qual o autor soube superar as tão frequentes indecisões que estreitam o estado da filosofia em consideração com a simples tentativa da razão e quanto ela pode alcançar por si própria. A esse respeito desejamos a ele muitos seguidores. Além disso, a escuridão misteriosa em que a própria natureza envolveu o estabelecimento da organização e a divisão em classes de suas criaturas carrega uma parte da culpa pela obscuridade e incerteza que se vinculam a esta primeira parte de uma história filosófica da humanidade, a qual se propôs construir onde possível um vínculo entre dois fins mais distantes: o ponto a partir de onde a história se inicia e o ponto em que se ultrapassa a história da terra e se perde no infinito. Trata-se de uma tentativa ousada, mas que é também natural do impulso de pesquisa da nossa razão e que é honrosa mesmo quando não alcança sua realização completa. Por isso, tanto mais é de se desejar que o nosso espirituoso autor encontre na continuação de sua obra um fundamento firme perante si e coloque algum freio sobre seu gênio vivaz e que a filosofia, cujo cuidado consiste mais em cortar do que em impulsionar castelos luxuosos, o conduza para a completude de sua empresa não através de acenos, mas por conceitos determinados, não através das leis anímicas, mas das leis observáveis e não por meio de uma imaginação impulsionada pela metafísica ou por sentimentos, mas através de uma razão ampliada em seus projetos e cautelosa em seu exercício.

Referências

- BEISER, Frederick C. *The fate of reason: German philosophy from Kant to Fichte*. Harvard: University Press, 1987.
- BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Trad. por Juan Sobrinho. Brasília: UNB, 1982.
- FORSTER, Michael N. "Introduction to Herder's philosophical writings". In: *Herder's Philosophical Writings*. pp. vii-xxxv. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch (Der Digitale Grimm)*. Hrsg. von der Deutschen Akademie der Wissenschaften Berlin / Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Frankfurt (Main): Zweitausendeins, 2004.
- HAMANN, Johann Georg. *Briefwechsel*. Bd. 5. Hrsg von Walther Ziesemer u. Arthur Henkel. Frankfurt (Main): Insel Verlag, 1979.
- HAYN, Rudolf. *Herder*. 2. vol. Berlin: Aufbau-Verlag, 1954.
- HERDER, Johann Gottfried. *Briefe zu Beförderung der Humanität*. Riga: Hartknoch, 1795. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=xGhDAQAIAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acessado em: 30/08/2011.
- _____. *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*. Wiesbaden: Fourier, 1985.
- _____. *Kalligone*. Stuttgart/Tübingen: Cotta'sche Buchhandlung, 1819. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=f3AoAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acessado em: 30/08/2011.
- HERDER, Maria Carolina von. *Erinnerungen aus dem Leben Johann Gottfried Herders*. Tübingen: Cotta'sche Buchhandlung, 1820. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=45Bb0c1-k8QC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>. Acessado em: 30/08/2011.
- KANT, Immanuel. *Briefwechsel*. In: *Kants gesammelte Schriften*, hrsg. von der Deutschen Akademie der Wissenschaften, Bde. X-XIII. Berlin und Leipzig: de Gruyter. 1928.
- _____. Recensionen von I. G. Herders Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit. Theil 1. 2. In: Akademie Textausgabe, Bd. VIII. Berlin: Walter de Gruyter, 1968.
- _____. *Logik* [herausgegeben von Gottlob Benjamin Jäsche]. In: Akademie Textausgabe, Bd. IX. Berlin: de Gruyter, 1968.

[Tradução por Guido Antônio de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.]

KUEHN, Manfred. *Kant: a biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HÖPNER, Lutz; KOLLER, Ana; WEBER, Antje. *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin/München: Langenscheidt, 2001.

WAHRIG, Gerhard. *Deutsches Wörterbuch*. 8. ed. München: Bertelsmann Lexikon Institut, 2006.

ZAMMITO, John. *The genesis of Kant's Critique of Judgment*. Chicago: Chicago University Press, 1992.

Resumo: Neste trabalho se apresenta uma tradução da primeira recensão de Kant ao livro de Herder *Ideias para uma filosofia da história da humanidade* e uma reconstrução histórico-biográfica do contexto em que se inseriu aquela publicação.

Palavras-chave: Kant; Herder; filosofia da história; biografia

Abstract: This paper presents a translation of Kant's first review of Herder's *Ideas for a philosophy of history of humanity*. It also offers a historical-biographical reconstruction of the context in which that publication was inserted.

Keywords: Kant; Herder; philosophy of history; biography

Recebido em 14/07/2012; aprovado em 29/10/2012.